



## Opinião

## CONVIDADO

E descobrimos, subitamente no início deste inverno, que se matam animais, em atividade de caça, nos lugares destinados ao efeito. Não sabíamos, julgo até que achávamos que “lugares de caça” era uma expressão poética

## Da Portela à Azambuja, rota “das descobertas”

**EM1950**, Natália Correia foi aos Estados Unidos da América e descobriu que era europeia, e até publicou um livro. Nos dias que correm, não se pode viajar, ou não se deve, mas também não é preciso. A nós portugueses – e com outros será igual – basta uma rede social ou uma notícia, e descobrimos logo, fascinados ou chocados, que somos, convicta e energicamente, uma coisa qualquer. Dura pouco, mas enquanto dura é um mar de emoção e de combate. Depois passa, e virá novo despertar.

Sempre fomos um povo virado para “as descobertas”. Por realizar ou realizadas, sempre alguma coisa que será ou que já foi. Os lugares e os problemas já lá estão, mas há um momento em que os descobrimos, e aí a gesta torna-se nacional, intensa, mobilizadora, por vezes heroica. Mas o que subitamente nasce, subitamente morre. É o Quinto Império da brevidade.

Descobrimos, embora com nove meses de atraso (o tempo fundador de uma gesta) – mas ainda muito a tempo da heroicidade do escândalo –, que morreu um cidadão ucraniano no aeroporto que já se chamou “da Portela”. Subitamente, demos por isso, e, como com as especiarias do Oriente ou o ouro do Brasil, ficámos durante algum tempo empenhados no assunto. E em-



penhados com a intensidade, a energia e a grandiosidade que têm algumas ondas do chamado Canhão da Nazaré (aquelas que, de tempos a tempos, nos levam à descoberta de que, entre outras coisas, temos as melhores ondas do mundo). Depois passa, o mar sempre enrola na areia...

E também descobrimos, subitamente no início deste inverno, que se matam animais, em atividade de caça, nos lugares destinados ao efeito. Não sabíamos, julgo até que achávamos que “lugares de caça” era uma expressão poética que descrevia uma qualquer forma de terna contemplação. Porém, com a mesma força com que irrompem as hormonas na puberdade, algumas fotografias nas redes deram-nos a noção de que caçar é matar. Então, descobrimo-nos amorosamente ambientalistas e cinégeticos, gritámos escândalo, sentenciámos crime; e buscámos todas as pedras que sempre se encontram nos bolsos da hipocrisia, da boa consciência do

momento e, já agora, do anual “espírito natalício”. Mas dura também pouco, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma...

Façamos, pois, votos de um Feliz 2021, e aguardemos pela próxima “descoberta”. Não devem faltar por aí, mesmo debaixo de olhos por agora distraídos e de ouvidos sossegadamente moucos, coisas que – de repente e com a grandeza e a efemeridade da vida de uma borboleta – nos farão ranger os dentes de fúria e/ou tremer os corações de compaixão. Ocorrem-me algumas possibilidades, mas não quero antecipar a prazerosa descoberta coletiva de um Cabo das Tormentas volvido em Boa Esperança, que ocorrerá quando uma fotografia nas redes ou uma notícia no-lo permitir. Disse o escritor que a verdade é um erro à espera de vez. Talvez devesse ter dito, também, que o erro é uma verdade à espera de vez. Mas com *vita brevis*, bem entendido, pois esta vida são dois dias e o Carnaval são três, já se sabe. ☐



Advogado  
**Rui Patrício**